

O homem que incendiou a Casa de Camilo

José Carlos Vilhena Mesquita

Muito se afanaram certos camilianistas em atribuir o incêndio da Casa de Camilo, ocorrido a 17 de Março de 1915, às intenções maléficas de alguns dos seus antigos adversários, que cobardemente se vingaram da memória do célebre escritor através da destruição daquele magnífico baluarte da nossa arquitectura literária. Houve até quem, nessa altura, culpasse a família Faria, constituída por caciques locais, gente endinheirada com largas propriedades rurais e indefectível força política, que o Camilo chegou a caricaturar nos seus romances com aquela crueldade que só um génio impiedoso como o seu seria capaz de engendrar.

Não obstante, e à falta de provas, foi a justiça silenciando os rumores populares que, no adro da igreja, nos bancos das tabernas ou nos bailes das romarias, confessavam ter visto, com os seus próprios olhos, o sacrílego incendiário. Tudo boatos, congeminações de humildes campestinos para quem o incêndio da “Casa-Amarela” constituía melhor notícia que os trágicos informes da Grande Guerra.

No fundo era tudo fantasia de gente ignara.

Porém, muito recentemente, e só por um feliz acaso, tive a oportunidade de conhecer o autor do suposto crime. Contou-me tudo com aquela franqueza e simplicidade de quem nada tem que lhe pese na consciência. E, de facto, após ouvir o seu relato, também comungo da mesma plácida e inocente opinião de que o ónus da culpa não lhe ensombra a alma.



A “Casa Amarela” em S. Miguel de Seide, onde Camilo viveu e morreu

O que se passou foi pura e simplesmente um acidente, de nefastos resultados, é certo. Mas de qualquer modo, um acto involuntário de uma criança inocente e descuidada, como aliás costumam ser todas as crianças.

O caso é simples de contar.

Ainda em vida tinha Camilo a seu cargo um humilde mestre carpinteiro, de seu nome Teotónio Luís Ferreira, a quem alugara os baixos da sua mansão, então designada por «Casa Amarela». O jovem marceneiro era muito folgazão e dado a aventuras amorosas, o que se por um lado agradava ao velho romancista também por vezes o obrigou a protegê-lo da ira alheia. Camilo era nessa altura um homem amargurado pela doença, que o lançava progressivamente na escuridão da cegueira e o empurrava apressadamente para o libertador suicídio. Por isso se sentia só, decrépito, inútil e esquecido. Aliás o estado depressivo em que vivia retratou-o no célebre soneto «Os Meus Amigos». Em

boa verdade, Camilo Castelo Branco, o maior romancista português, estava no fim da sua atribulada existência. O desencanto dos médicos e a compungente cegueira em que se via compelido culminaria com um tiro nos miolos, naquele fatídico dia 1 de Junho de 1890. Camilo saía da vida numa forma violenta, trágica e dramática, à semelhança de muitos dos personagens dos seus livros.

Após o fatídico desfecho, D. Ana Plácido e seu filho Nuno continuaram a manter na casa o fiel carpinteiro que entrementes desenvolvia várias funções, desde capataz a simples rural, conforme as possibilidades da família e necessidades da vida. Até que, com o decorrer do tempo, os herdeiros de Camilo foram desaparecendo, deixando-o só e igualmente amargurado na velha e arruinada mansão daquele que foi conhecido depois da morte como o “torturado de Seide”.

Uma personagem camiliana

A vida deste homem foi, curiosamente, algo semelhante a muitas outras que Camilo imortalizou nos seus romances. Para se fazer uma ideia dessa similitude talvez valha a pena contá-la.

Teotónio Ferreira em breve deixava a arte da marcenaria e o ofício de carpinteiro para se estabelecer com uma «venda» de mercearia e vinhos, início de vida tão ao gosto da humilde mentalidade comercial dos minhotos. Porém, a crise dos tempos e o crédito mal distribuído, depressa o arrastaram para a falência. Montou então uma agência funerária que, por dificuldades algo semelhantes, o levariam para o mesmo caminho. Arruinado e desiludido mergulha em sucessivos desgostos.

Entretanto casara, e com algumas dificuldades conseguia manter três filhos, o mais velho dos quais afilhado do Nuno, filho do emérito romancista, que, como toda a gente sabe, herdara de Camilo o espírito mulherengo e aventureiro que o tornou célebre. Roída pelos insucessos financeiros do marido, a mulher de Teotónio, foge de casa pela mão de um ricoço de S. Paio de Seide, para nunca mais ser vista. Mesmo falido o antigo carpinteiro consegue ferir de amores Emília Rosa Veiga, com quem se juntou e veio a ter mais quatro filhos.

Mas a sua triste sina não se ficaria por aqui.

Por razões várias, que não importam ao caso, a Emília abandona-o e leva consigo as crianças. Mais uma vez sente-se deprimido e irremediavelmente só. Porém, ilumina-se-lhe a mente de uma fâisca camiliana, e resolve cicatrizar as feridas do coração no vapor que o leva para o Brasil. Sonhara tornar-se rico, encher o baú de libras de ouro e regressar à terra-mãe feito Barão ou Visconde. Mas a realidade era outra. Nas terras do cacau e do café a vida era dura e os perigos imensos. Tempos depois retorna do Brasil com o mesmo estado de espírito que para lá o levava: triste, desiludido e arruinado.

De volta à terra procura trabalho em várias localidades minhotas e foi em S. Vítor, no concelho de Braga, que veio a conhecer a sua terceira mulher, Laura Baptista da Costa. Curiosamente os desgostos de Laura eram, de certo modo, semelhantes aos seus. Tinha

três filhos do marido, José Joaquim Correia de Araújo, natural da freguesia de Avidos, do concelho de Famalicão, que emigrara também para o Brasil nunca mais dando notícias da sua existência. Seus antigos companheiros juravam que ele tinha morrido no sertão, que ninguém mais lhe pusera a vista em cima e que até se lhe haviam rezado missas pela alma. Supostamente viúva, mas sem provas da sua condição, juntou-se com o Teotónio, de quem veio a ter um filho, Gabriel Baptista da Costa, do qual irei falar mais adiante por ser, o protagonista da história que nos levou a escrever este artigo.

Quando juntaram os comuns haveres, o antigo carpinteiro de Camilo regressou à aldeia de S. Miguel de Seide e, como havia sido compadre do Nuno Castelo Branco, pediu a sua filha, D. Raquel, que vivia no antigo chalé do pai, praticamente em frente da arruinada Casa-Amarela, que lhe alugasse a Casa de Camilo, proposta que ela aceitou por simbólicos 7 mil reis ao ano. No fundo, eram já velhos amigos, pois que o Teotónio conheceu perfeitamente a mãe desta senhora, D. Ana Correia, inclusivamente esteve presente no baptizado da filha cujo nome, Raquel, foi escolhido por Camilo, que sobre esta designação bíblica encobriria a verdadeira identidade de Ana Plácido, nos versos que lhe dedicara pouco antes do escândalo que os atirara para a cadeia da Relação do Porto.

Mas, por ironia do destino, passados alguns anos, eis que regressa do Brasil, paralisado e alienado, o Joaquim José Correia Araújo, supostamente falecido, cuja aparição derramou sobre o recomposto lar da sua esposa a mais completa consternação. A infeliz Laura, que entretanto havia montado um negócio de mercearia, que na graça de Deus corria de vento em popa, vê-se numa situação insustentável, da qual veio a resultar a doença que a vitimou.

Como bom personagem camiliano, a vida de Teotónio Ferreira não ficaria por aqui. Depois de tantos insucessos, desgostos e desilusões, acaba amancebado para o resto dos seus dias com a enteada mais velha, que foi quem herdou o negócio da mãe. A situação, apesar de pecaminosa não era invulgar, tanto na época como na região, muito embora fosse, ontem como hoje, bastante reprovável. De qualquer modo, a sua vida estava no fim e após o infortúnio do incêndio na casa de Camilo, foi residir com a amante para uma casa de barro que pertencia à filha da sua primeira mulher, situada no lugar do Monte, em S. Miguel de Seide, onde viveu apenas um ano, pois em 1916, com 60 anos de idade, faleceu em condições pouco esclarecidas...

O incêndio na casa de Camilo

Como atrás ficou dito, o incêndio da casa de Camilo não foi obra de qualquer incendiário supostamente adversário do imortal “torturado de Seide”.

O que se passou foi mero acidente. O relato dos acontecimentos foi-nos minuciosamente descrito pelo seu verdadeiro e involuntário autor, sr. Gabriel Baptista da Costa, nascido em S. Miguel de Seide a 9-11-1903, que, quando deflagrou o sinistro, tinha apenas 12 anos de idade.

No dia 17 de Março de 1915, uma quarta-feira, realizou-se; como de costume, a feira semanal em Vila Nova de Famalicão, onde naturalmente ocorria muito povo das aldeias do concelho para venderem os seus produtos agrícolas, para transaccionarem gado de toda a espécie ou, simplesmente, para confraternizarem com os amigos e conhecidos,



O estado de completa ruína em que ficou a casa de Camilo após o incêndio de 17-3-1925

nas tabernas ao ar livre, que então muito castiçamente se erguiam no Campo Mouzinho de Albuquerque, hoje ocupado pelo jardim D. Maria II, pela Fundação Cupertino de Miranda e por um larguíssimo parque de estacionamento. Diz-se, não sei com que veracidade, que os herdeiros de Camilo tinham ido à vila (de Famalicão) tratar da venda da antiga “Casa Amarela”. Ora, nesse caso, o incêndio da casa do romancista tornou-se alvo do falatório popular, a tal ponto que rapidamente evoluiria para um misterioso e hipotético caso de vingança dos odientos detratores do romancista, figura tutelar do seu tempo, cuja vida, também ela romanesca, suscitou antipatias e acicatou rancores.

Mas as verdadeiras causas do sinistro foram outras. Com efeito, nesse dia o Teotónio Luís Ferreira mandou seu filho Gabriel aprontar-se para o acompanhar à feira de Famalicão, pedindo-lhe que em seguida reunisse as brasas do borralho, que acendera para fazer o almoço, numa cesta de vindima, que por ali estava especialmente para esse fim, no intuito de se aproveitarem as suas cinzas para a adubagem dos trabalhos agrícolas. Por negligência e alguma inocência, guardou o petiz a cesta com as brasas já mortíferas numa arrecadação logo a seguir à cozinha, onde está hoje o escritório do conservador da Casa-Museu. Não mais ligou importância ao caso dirigindo-se apressadamente com seu pai, por entre os campos e atalhos, à vila de Famalicão que dista dali 7 quilómetros. Quando já estavam na feira ouviram tocar a incêndio e por detrás dos outeiros, na direcção de Seide, viam-se enormes nuvens de fumo, enquanto os populares gritavam fogo, fogo, fogo... todos correndo na direcção do sinistro. Os netos de Camilo encontravam-se também na feira e receando que o incêndio tivesse deflagrado no chalé do Nuno ou na velha residência do romancista dirigiram-se na sua charrete em direcção à aldeia. Também o Teotónio e o filho Gabriel, intrigados e receosos do que pudesse estar a acontecer, se incorporaram na correria dos populares que voluntariamente queriam ajudar no combate às chamas. Quando ali chegaram,

apesar dos esforços dos bombeiros, a casa estava praticamente em escombros. Caíram algumas paredes e o telhado, mas salvaram-se os móveis devido à pronta intervenção dos vizinhos. Curiosamente, ficou quase incólume a célebre Acácia do Jorge, pois que o fogo apenas lhe devorou a copa deixando-lhe intacta a vida e, ainda, o retrato em azulejo do romancista que o calor das chamas tão-pouco conseguiu gretar. Por outro lado, a maior parte do recheio da casa estava no chalé do Nuno, que dali os removeu após a morte de D. Ana Plácido, ocorrida em 1895.

Segundo nos afiançou o Sr. Gabriel da Costa, as causas do sinistro foram, com certeza, as brasas guardadas na cesta que, rompendo pelo carcomido soalho da casa, caíram no sobrado, que lhe ficava nos baixos, onde o pai guardava a palha para os animais da lavoura. E o certo é que o fogo deflagrou precisamente nas cocheiras dos animais, que felizmente se encontravam a pastar nos campos vizinhos. Portanto, o incêndio não foi malvadeza de quem quer que fosse, mas antes um puro acidente derivado da imprevidência de uma criança. Contudo, como já em tempos a família alcunhada de os Periquitos, instigada e patrocinada pelos Farias, tinha derrubado e fragmentado a memória de pedra em honra do poeta Castilho, que se dizia conter um pote de libras de ouro, a qual se encontrava, tal como hoje, junto ao portão de entrada, houve logo quem dissesse que os autores do incêndio seriam os mesmos, o que felizmente não se veio a provar.

Pouco depois, a 11 de Abril de 1915, uma comissão representativa da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, presidida por Francisco Correia Mesquita Guimarães, aprovou a compra do imóvel, livros, mobiliário e objectos de uso pessoal de Camilo Castelo Branco por 2 mil escudos. A escritura de aquisição do imóvel foi lavrada a 17 de Abril de 1916, junto ao monumento a Castilho, na presença do tabelião Rodrigo Terroso, de D. Raquel, neta do escritor, de José de Azevedo Menezes e de várias outras individualidades que igualmente firmaram a documentação

Ficou determinado que o imóvel seria restaurado, reservando-se as dependências superiores para o Museu Camiliano e as inferiores para a instalação da escola primária da freguesia.

Infelizmente o processo arrastou-se tão lentamente que só em 1958, por especial esforço e dedicação do Dr. António Pinheiro Torres, da Câmara Municipal de V. N. de Famalicão e do SNI, é que se concluíram as obras, restituindo ao imóvel a sua traça primitiva e nele instalando o Museu que ainda hoje pode ser apreciado por milhares de visitantes.



A casa de S. Miguel de Seide, na série filatélica editada em 1925, comemorativa do Centenário do Nascimento de Camilo Castelo

[Este artigo foi originalmente publicado no «Diário de Notícias» de 24-4-1984].